



diálogos

no espaço democrático



O TRANSTORNO DO JOGO



Conversa com

HERMANO TAVARES

Psiquiatra, criador do Programa
Ambulatorial do Jogo Patológico, do
Instituto de Psiquiatria da USP



diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD



Para assistir ao vídeo,
aponte a câmera do celular
para este código

Lei das Bets privilegiou o dinheiro e não a saúde das pessoas

A legislação que regulamenta a operação das empresas de apostas *on-line* no Brasil, que se tornou conhecida como a Lei das Bets e entra em vigor no mês de janeiro, parece ter se preocupado mais com os aspectos financeiros e econômicos da questão que com o impacto sobre a saúde das pessoas, especialmente aquelas das faixas socioeconômicas mais baixas. A avaliação é do doutor em Psiquiatria **Hermano Tavares**, em entrevista para o programa “Diálogos no Espaço Democrático”, produzido pela fundação de estudos e formação política do PSD e disponível em seu canal de YouTube (<https://youtu.be/2FOQn8vRcz4>).

Criador do Programa Ambulatorial do Jogo Patológico (PRO-AMJO), do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP), Tavares dá uma razão muito objetiva para explicar a sua análise: “A lei destina 1% do recolhimento para o Ministério da Saúde e este 1%, que é insuficiente e irrisório, vai cair no Ministério da Saúde e sabe-se lá se vai ser usado especificamente para tratamento do jogador compulsivo, ou para prevenção, ou para a capacitação da rede”, diz. “A demanda de tratamento nunca encontrará a oferta que precisa”.

Entrevistado pelo gestor em saúde **Januario Montone**, pelo sociólogo **Tulio Kahn** e pelos jornalistas **Eduardo Mattos** e **Sérgio Rondino**, coordenador de comunicação do Espaço Democrático e âncora do programa de entrevistas, o psiquiatra lembrou que esta não é a primeira vez que o Brasil passa por um surto como este. Nos anos 1990 havia muitas pessoas jogando demais e o País teve uma epidemia de transtorno do jogo. “Houve o acesso amplo e facilitado ao jogo, sobretudo às máquinas caça-níqueis, que foram incluídas indevidamente na lei do bingo através da definição de máquinas de vídeo bingo”, lembrou ele, destacando que a criação do PRO-AMJO se deu naquele período, quando não havia serviços especializados. “A história está se repetindo: estamos soterrados pela demanda de pessoas com problemas com o jogo; a demanda não vai aumentar, ela já aumentou e estamos lidando com o problema”.

Esta publicação contém a íntegra daquele diálogo de setembro de 2024, que é um importante alerta para a população e para as autoridades brasileiras.

Boa leitura.



Sérgio Rondino - O tema deste programa "Diálogos no Espaço Democrático" é a jogatina desenfreada que se espalhou pelo País depois da liberação dos aplicativos de apostas, as chamadas bets. Nós chegamos ao ponto de o Banco Central informar que 5 milhões de beneficiários do Bolsa Família, gente de baixa ou então de nenhuma renda, que recebe em média R\$ 690 por mês do governo para garantir a sua sobrevivência, gastou nessas apostas R\$ 3 bilhões, via Pix, apenas no mês de agosto passado.

Para entendermos o perigo que isso representa, o nosso tema de hoje é o chamado transtorno do jogo, o comportamento compulsivo e a dependência do jogo. Nosso convidado é o psiquiatra Hermano Tavares, professor associado do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP. Ele fundou e coordena o Programa Ambulatorial do Jogo, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP. Participam comigo deste diálogo o gestor em saúde Januario Montone, o jornalista Eduardo Mattos e o sociólogo Tulio Kahn.

Doutor Hermano Tavares, seja muito bem-vindo ao Espaço Democrático.

**Eduardo Mattos, Sérgio Rondino,
Hermano Tavares, Januario Montone.
Participou online Tulio Kahn.**



Hermano Tavares - Muito obrigado, é um prazer estar aqui com vocês.

Sérgio Rondino - Doutor Hermano, nunca se viu tanta gente envolvida com jogos, com jogatina e apostas no Brasil, como nesse momento. Pergunto: é possível que muitos deles se tornem jogadores compulsivos? E a pergunta básica, o que é afinal esse transtorno?

Hermano Tavares - Sérgio, vou fazer uma coisa que não é muito elegante, mas vou começar discordando. Já vimos, sim, muitas pessoas jogando demais no Brasil. Já vimos, sim, uma epidemia de transtorno de jogo no Brasil. Isso aconteceu nos anos 1990, quando a gente teve o acesso amplo e facilitado a formas razoavelmente complexas e perigosas de apostas. Na época, isso era ligado sobretudo às máquinas caça-níqueis eletrônicas, que foram indevidamente cobertas pela lei do bingo através da redesignação de vídeo-bingo. Aliás, a fundação do nosso ambulatório do jogo, o Programa Ambulatorial do Jogo (PRO-AMJO), se deu nos anos 1990 justamente porque essa primeira onda de facilitação do acesso ao jogo causou, na época, uma epidemia de transtorno do jogo e não havia serviços especializados. Aí, o que aconteceu foi que houve indignação popular, denúncias de corrupção associadas, como a gente está vendo agora, a história se repete. A lei do bingo era uma lei provisória, que estava caducada já, caducando e funcionando na base de liminares. O presidente na época, coincidência ou não, era o presidente Lula. Então parece que a história se repete. Decidiu-se suspender a operação dos bingos no País e aconteceu o que eu espero que aconteça mais uma vez.

Existe uma certa demanda de pessoas precisando de atendimento para problemas com o jogo. Essa demanda duplica ou triplica quando

umenta a oferta de jogo. E aí, quando refluí essa oferta, a demanda volta ao normal. Então, agora, nesse momento, nós estamos absolutamente assolados, soterrados por demanda de pessoas com dificuldades com o jogo.

Não é que vai trazer pessoas com problemas, não. Já trouxe e nós já estamos lidando com o problema da forma que a gente pode. Evidentemente que não é a ideal, porque somos um pequeno centro no Hospital das Clínicas, no coração da cidade de São Paulo. O Brasil tem dimensões continentais e obviamente que não vai ser um centro localizado em São Paulo que vai dar conta das necessidades de saúde de todos os brasileiros.

Sérgio Rondino - É, assusta mesmo, né? Januario, vamos com você.

Januario Montone - Eu quero explorar essa visão do doutor Hermano porque me parece que é a primeira vez que a gente tem aqui no Espaço Democrático um especialista nesse assunto. Ontem nós entrevistamos alguém da irmandade dos Jogadores Anônimos e ele lembrou uma coisa que eu achei importante. É a primeira vez que a gente tem a disponibilidade do jogo on-line, real time, para pessoas de qualquer idade, em qualquer momento. Basta o acesso a um celular, basta o acesso a uma rede. Então, o acesso é muito mais amplo do que foi naquele momento do bingo. E a dificuldade de lidar é a mesma dificuldade de lidar com as redes sociais. É correto dizer que o impacto, dessa vez, pode ser imensamente mais avassalador do que nas outras ondas, do ponto de vista da quantidade de pessoas que podem ser atingidas simultaneamente e de uma maneira tão fácil? Ele lembrou uma coisa que, mesmo numa situação como essa nossa aqui, nós conversando, alguém aqui pode estar jogando no celular. Esse impacto não maximiza isso, doutor?



O BRASIL NÃO ATENTOU PARA ISSO NA ÉPOCA. ISSO FOI MINIMIZADO PORQUE, “AH, É BINGO, É DIVERSÃO DAS VELHINHAS, DEIXA ELAS”... SABE O TIPO DE ABSURDO QUE EU ESCUTEI NA ÉPOCA? “DEIXA, PORQUE SE A VELHINHA NÃO PUDER JOGAR BINGO, ELA VAI PARA A PRAÇA FUMAR CRACK”. ENTÃO, ASSIM, O NÍVEL DE HIPOCRISIA NA HORA EM QUE VOCÊ COMEÇA A TER ESSE TIPO DE DISCUSSÃO, LÁ E MESMO HOJE, É ASSUSTADOR”.

Hermano Tavares - Olha, é possível, é provável. Afirmar com certeza a gente só vai depois que fizer um estudo. Nos anos 1990 nós tínhamos essa questão, isso motivou um estudo que foi feito. Na minha opinião, ainda tarde, mas foi feito, pelo menos em 2010, por nós mesmos, um levantamento populacional sobre a frequência dos jogos na população na época. Eu acho que essa discussão é impertinente. Ah, qual é mais grave? Foi muito grave. O que aconteceu lá foi muito grave. O Brasil não atentou para isso na época. Isso foi minimizado porque, “ah, é bingo, é diversão das velhinhas, deixa elas”... Sabe o tipo de absurdo que eu escutei na época? “Deixa, porque se a velhinha não puder jogar bingo, ela vai para a praça fumar crack”. Então, assim, o nível de hipocrisia na hora em que você começa a ter esse tipo de discussão, lá e mesmo hoje, é assustador.

Agora, falando das peculiaridades mais

preocupantes do momento atual. Sim, essa questão do on-line, casado com a telefonia celular, é uma questão, em que pese... Mas volto a dizer que a gente esquece o que houve, naquela época, em uma rua aqui no centro de São Paulo, chamada Sete de Abril, que tem apenas três quadras. Toda a rua, todas as casas daquela rua eram casas de bingo. Tive um paciente que entrou um dia na ponta da rua e saiu do outro lado da rua 15 dias depois, porque ele entrava num bingo e quando o bingo ia fechar, ele entrava no outro, e entrava no outro... e os bingos, para sustentar o indivíduo lá dentro, ofereciam sopa, sanduíche etc. O cara nem dormia. Ele ia numa jogatina contínua e ininterrupta, tirando pequenos cochilos. O que acontece? Aquilo que se produzia naquela época, hoje se produz da mesma forma, de uma maneira diferente. O cara não precisa mais se deslocar até o centro da cidade. Ele põe a mão no bolso, tira o celular, começa na hora que quiser.



E o que você falou é verdade. Tenho, às vezes, pacientes para quem falo assim: “Não é possível, fulano, você estava apostando enquanto aguardava a minha consulta. Desliga o celular, vamos lá, vai. Obviamente, você está precisando de ajuda”. É possível, tecnicamente falando, é possível fazer essa monitoração de quem está jogando e, de fato, impedir que menores de idade apostem, mas isso não foi feito de maneira efetiva ainda e está cheio de menores de idade por aí fazendo aposta usando o CPF emprestado de um “amigo” maior de idade.

Isso quando também não tem indivíduos agindo de má-fé, flagrante, montando a sua própria bolsa de apostas. Eles abrem o site de uma bet, tiram um print da tela e enviam para um grupo de adolescentes que, então, fazem apostas; ele faz as apostas com o CPF dele e depois ele cobra “um percentual”. Isso quando ele faz as apostas; às vezes só faz o papel de uma agência informal, ele próprio, usando os odds que são gerados pelas casas de apostas.

Mas eu volto a dizer, todas essas atividades podem e devem ser coibidas. Agora, é preciso que a gente

comece a discutir de forma técnica e responsável os mecanismos de monitoração necessários. Lembrando uma coisa muito importante: tudo o que se faz no ambiente digital é rastreável. A internet sempre deixa rastro e esses rastros nunca são apagados. Então, é absolutamente possível detectar esse tipo de atividade. Inclusive vai acabar detectando, através de algoritmos de inteligência artificial, padrões anômalos de movimentação financeira que vão indicar exatamente isso, ou algum tipo de jogatina compulsiva em curso por um indivíduo, ou atividades financeiras estranhas que identificam algum tipo de atividade ilegal, fraude, evasão fiscal, lavagem de dinheiro etc.

É possível, mas a gente precisa ser sério, sentar agora e começar a conversar. E quem tem que conversar? Um grupo de profissionais com característica multidisciplinar. Precisa de juristas, economistas, técnicos em computação e pessoal da saúde especializado na área de compulsividade para o jogo. Com o conhecimento reunido desses indivíduos, conseguiremos montar os mecanismos de identificação das atividades “estranhas” ou aquelas que fogem ao simples ato recreativo de fazer apostas esporadicamente.

Sérgio Rondino - Perfeito. Eduardo Mattos, sua pergunta?

Eduardo Mattos - Quais são os principais problemas da regulamentação dessa lei que entra em vigor agora em janeiro, na sua opinião?

Hermano Tavares - Essa regulamentação é incompleta, faltam quase todos os elementos que eu acabo de apontar aqui. Parece excessivamente preocupada com os aspectos financeiros e econômicos e menos preocupada com o impacto na saúde. A lei que já está aprovada e que regulamenta as apostas on-line designa 1% do recolhimento

para o Ministério da Saúde e não especifica que este 1% - que é obviamente insuficiente, irrisório e indevido, se compararmos com todos os outros 99%, como para qualquer outra coisa que não tenha a ver com a saúde, o amparo do apostador prejudicado - ainda por cima vai para o Ministério da Saúde e sabe-se lá onde vai ser usado, porque não tem uma designação de que esse valor vai ser usado especificamente para o tratamento do transtorno do jogo, ou do jogador compulsivo, ou para a prevenção, ou para a capacitação da rede, do centro de atenção psicossocial.

A gente sabe que administrar é sempre um desafio. Esse dinheiro cai lá no Ministério da Saúde, vem uma nova pandemia de sei lá o quê, alguém vai ter a brilhante ideia de desviar o dinheiro para tratar, fazer imunização de crianças e quem vai poder dizer que não?

Então, se esse dinheiro não é a priori designado e selado com esse destino, ele vai sempre ser repassado para algum outro canto e a gente vai continuar sofrendo o que já sofre. Quer dizer, a demanda de tratamento nunca encontrará a oferta de tratamento que ela precisa.

Sérgio Rondino - A próxima pergunta é do sociólogo Tulio Kahn.



Tulio Kahn - O Banco Central divulgou nessa semana que 24 milhões de brasileiros apostaram

em bets no ano passado. E isso equivale a mais ou menos 11% da população. Portanto, uma porcentagem significativa. Eu gostaria de saber se existe alguma estimativa de qual é o percentual desses jogadores que desenvolvem alguma doença, a chamada ludopatia, relacionada ao jogo, e se o sistema de saúde tem condições de tratar essa população.

Hermano Tavares - Então, respondendo ao Tulio, a questão é a seguinte: ele falou “olha, 24 milhões, isso corresponde a 11% da população brasileira que está emitindo PIX para pagar apostas, isso é muito, isso é pouco”. Olha, lembra que eu acabei de falar do bingo? Naquela época, a fração da população que estava fazendo apostas regularmente, segundo o nosso próprio levantamento, era em torno de 12%. Esses 11% possivelmente não expressam o universo de pessoas que fazem apostas on-line porque as pessoas podem pagar de outras formas que não necessariamente PIX. Mas me parece uma taxa aproximada ao que a gente já conhece como realidade.

O que chama atenção, em particular, é que desses 24 milhões, um oitavo, 3 milhões, são beneficiários do Bolsa Família. Ou seja, essa pessoa, para ser um beneficiário, já é economicamente vulnerável. É a última pessoa que você imagina que poderia estar dispondo dinheiro, disponibilizando dinheiro para uma atividade de risco financeiro como aposta. Mas em que pese que isto parece um contrassenso lógico, isso é apenas o esperado. Por quê? Porque, psicologicamente, o jogo de azar, o canto de sereia das apostas, sempre fala mais alto, sempre será mais sedutor para aquele que passa uma dificuldade socioeconômica.

É aquilo assim: “Olha, para acabar esse mês, eu estou precisando de mais mil reais, eu não tenho mais dinheiro na conta. Na verdade, eu tenho vinte reais aqui no bolso. Vou guardar para pagar

a conta? Não adianta. Então, eu vou lá e aposto e fico esperando para ver se, na sorte, vinte vira mil e eu resolvo meu problema. Que, se resolver também, vamos e venhamos, só resolverá o problema daquele mês, né? No próximo mês essa pessoa continuará com desequilíbrio entre renda e obrigações financeiras. E se ela acreditar que apostar será uma solução recorrente, o que ela vai conseguir é aprofundar os problemas financeiros dela.

Mas isso é, de novo - desde aquele estudo que a gente fez naquela época, estudos que são feitos internacionalmente, e os estudos que a gente continua fazendo -, sempre assim: transtorno do jogo, jogo compulsivo, é mais comum e é mais arriscado ocorrer nas pessoas de baixa renda, de pouca educação e de vulnerabilidade social em geral, que estejam desempregadas, divorciadas, solitárias etc. Essas pessoas, se sentindo vulnerabilizadas, serão mais suscetíveis ao canto de sereia e à falsa sedução das apostas.

Por que eu digo que é um canto de sereia e uma falsa sedução? Apostar é, na melhor das hipóteses, um entretenimento para quem gosta de se entreter dessa forma, brincando com coisa séria, brincando com dinheiro, certo? É uma brincadeira, você brinca com dinheiro. Agora, vamos lá. Quem comercializa isso quer ganhar, não quer perder dinheiro. Então, vai estabelecer as regras de premiação de forma que o total de premiações cedidas sempre é menor do que o total de dinheiro recolhido. Vamos dizer que um time da primeira divisão do Campeonato Brasileiro vai jogar com um time da segunda divisão do Campeonato Brasileiro na Copa do Brasil. A chance desse time de primeira divisão ganhar é algo em torno de cinco vezes mais. A bet não vai te oferecer cinco vezes o valor apostado se você apostar no time mais provável. Ela vai te oferecer 3,5, 4, na melhor das hipóteses. Ou seja, quando dá uma zebra, ela lucra horrores. Se der o esperado, ela

só tem que pagar aquilo que já estava combinado. Na margem, ela vai ganhar sempre e o conjunto de apostadores vai perder sempre.

É que esse perder e ganhar fica distribuído de maneira menos clara entre todos os apostadores. Então, haverá um ou outro que ganhou daquela vez, a grande massa perde, e assim a bet faz seu lucro. Então, pontualmente, alguém poderá dizer: “Mas uma vez eu ganhei, uma vez fulano meu vizinho se deu muito bem”. Mas no médio e no longo prazos, é matemático. A casa vai ganhar e os apostadores vão perder. E pena de quem imaginar que pode ser uma exceção à regra, porque esses serão os prejudicados.

Sérgio Rondino - Janeiro, mais uma?

Januario Montone - Doutor Hermano, a realidade que a gente está vivendo é muito desanimadora nesse aspecto, na minha avaliação. A legislação para as bets abriu uma caixa de Pandora em que eu não vejo muita perspectiva. Eu concordo plenamente com a sua análise, não só com a análise técnica, como com a sua visão geral da questão, mas não tenho muita esperança de que a gente consiga reverter isso como sociedade, no curto prazo. Fico tentando olhar se nós teríamos alguma redução de danos possível nesse momento. Coisas que minimizassem. Por exemplo, a movimentação para que uma parte maior dos recursos fosse alocada no Ministério da Saúde e fixada para uma política de tratamento do jogador compulsivo.

Mas eu foco mais em proibir a publicidade de qualquer tipo, das bets em especial, e do jogo em especial. Proibir qualquer tipo de publicidade seria um fator capaz de reduzir um pouco - eu gostaria de ter a sua visão. Nós temos, no Brasil, uma experiência bastante bem-sucedida em relação ao tabagismo, com a proibição de publicidade, com a redução dos espaços para uso do fumo, até com a



construção de uma visão social de que fumar não era exatamente uma coisa glamourosa. O senhor acha que investir pesadamente na discussão de proibir qualquer tipo de publicidade seria um efeito capaz de minimizar um pouco esse impacto que nós estamos recebendo nesse momento?

Hermano Tavares - Então, eu quero dizer aqui algo que vai simplesmente além de um exercício de opinião. Eu quero dizer algo que é embasado em estudos. A limitação da publicidade tem um efeito positivo na regulação e no controle desse fenômeno na população. Isso já está estabelecido, certo? Em países que fizeram a limitação da publicidade vemos algum controle dessa situação. Estudos, por exemplo, que fazem o que a gente chama de investigação do rastreamento ocular. Você pega uma tela de computador como essa que a gente tem aqui e divide em quatro quadrantes. Num quadrante você põe uma fotografia de jogo,

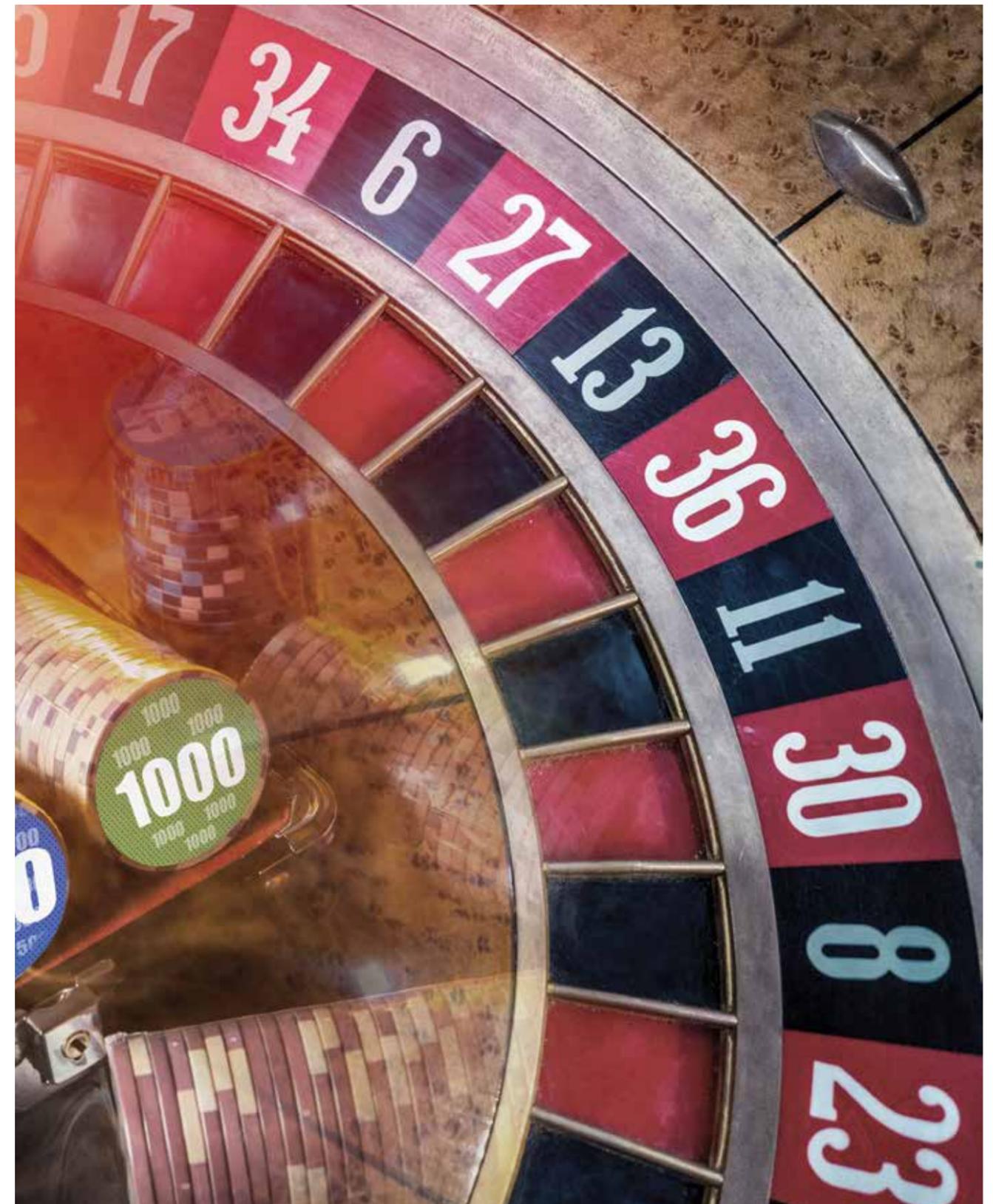
num outro você põe a fotografia de uma atividade lúdica que não envolva dinheiro, e você vai variando os estímulos. E você vê o olhar da pessoa se desviando, você rastreia isso, vê o olhar da pessoa se desviando em relação ao estímulo visual específico que anuncia o jogo, etc. Esse desvio do olhar, que é um desvio atencional, é maior quanto maior for a vulnerabilidade da pessoa. Então, quanto mais a pessoa joga, aposta e tem tendência a perder o controle, mais ela desvia o olhar.

Como eu disse, essa vulnerabilidade é multifatorial. Essa vulnerabilidade tem a ver com fatores genéticos, tem a ver com fatores sociais, com fatores psicológicos do momento em que a pessoa está vivendo. Um fator muito conhecido é o da idade. Indivíduos mais jovens têm vulnerabilidade maior, têm desvio atencional maior. Então, o que a gente faz? Proíbe a publicidade para indivíduos jovens, menores de idade. Isso já é feito praticamente no mundo inteiro para tabaco, isso já é feito praticamente no mundo inteiro para o álcool, e por um motivo muito óbvio: são produtos, são commodities, mas não são commodities quaisquer. Vou comparar com um produto, vamos dizer assim, anódino, sem apelo. Eu vou comprar clipe, clipe para papel. Você quer fazer anúncio de clipe de papel? Eu compro um clipe. Assim que eu acabei de comprar o clipe não tenho vontade de comprar de novo. Nossa, que emoção, comprei um clipe, preciso comprar de novo. Isso não acontece. Mas se eu fumar, isso acontece. Se eu beber, isso acontece. E se eu fizer uma aposta, isso acontece.

Porque esses são conhecidos formadores de hábitos. E os formadores de hábitos, em combinação com pessoas vulneráveis, formam hábitos muito enraizados, arraigados. Hábitos que são difíceis de controlar. Ou seja, formadores de hábitos combinados a pessoas vulneráveis vão causar compulsão, vão causar dependência,

vão causar vício. Portanto, uma coisa é anunciar clipe de papel, a outra coisa é anunciar aposta. Eu posso anunciar clipe de papel para quem eu quiser, a hora que eu quiser, eu não vou prejudicar ninguém. Se eu ficar divulgando excessivamente a oportunidade de aposta, eu estou colocando em risco pessoas vulneráveis e quem fizer isso precisa ser responsabilizado. Nós somos todos aqui de uma época em que a gente ligava a TV e vinha um negocinho... tinha um jingle que era apropriado para aquele produto que era um cigarro e que promovia o quê? Promovia esportes radicais, shows de rock, baladas, festas, que era tudo voltado para o público jovem. O Brasil é um exemplo mundial de campanha bem-sucedida antitabaco. Infelizmente, modelo bom que está sendo erodido pelo problema dos vapes e do cigarro eletrônico. Mas que ainda há tempo de a gente se organizar e correr atrás, tanto disso quanto da questão do jogo.

Eu já mencionei aqui o futebol, a Série A, a Série B... o meu time, que eu não vou mencionar aqui para não causar... o meu time é da Série B, mas correndo o seríssimo risco de cair para a Série C. Mas mesmo que ele vá para a Série C, eu vou continuar assistindo aos jogos dele e vou continuar sendo impactado no primeiro tempo, no intervalo e no segundo tempo por alguma propaganda de bet, porque todos os times da série B, sem exceção, são financiados por bets. E os da série A, acho que de 20, 15 têm como principal patrocinador uma bet. Não pode, tem muitos adolescentes assistindo isso, não dá, é contrassenso, né? E esses caras não precisam de anúncio. Como eles são formadores de hábito, o produto deles já atrai sem necessidade de publicidade. Então, publicidade para formador de hábito é uma coisa que deveria ser consenso social e intelectual. Não faz sentido, não precisa. Quem precisa de anúncio é clipe de papel, porque sem anúncio ninguém vai se animar a comprar clipe de papel.





Sérgio Rondino - Vamos lá, Eduardo. Última pergunta, por favor.

Eduardo Mattos - Doutor Hermano, eu ouvi em uma entrevista sua, um debate do qual o senhor participou, que as compulsões mais comuns são tabaco, álcool e jogo, pela ordem. As drogas vêm depois do jogo, inclusive. Mas nós vemos uma mobilização muito maior para impedir a legalização das drogas do que para dificultar o acesso ao jogo. Como é que o senhor vê essa contradição?

Hermano Tavares - Essa contradição vem do fato de que, ao longo dos anos, nós aprendemos que substâncias podem causar doenças. Mas não foi uma coisa rápida. O AA, que surgiu na década de 1930, só foi ter um reconhecimento social em torno da década de 1950, e mesmo assim o tratamento dado a isso ainda era muito moralista no sentido de que... quem está lá é um pobre de espírito, é uma pessoa sem força de vontade. Não, é uma pessoa adoecida, adoeceu pelo contato com o álcool. Alguns anos depois apareceu o Narcóticos Anônimos, e no final da década de 1950 apareceu pela primeira vez os Jogadores Anônimos.

No Brasil, a primeira tentativa de abertura de Jogadores Anônimos foi na década de 1980, mas a participação era pequena porque tinha pouco apostador no Brasil. Então não foi muito para a frente. Nos anos 1990, feliz e infelizmente, eu diria, porque aí as pessoas podem contar com uma forma efetiva de amparo que é os Jogadores Anônimos. Ele pegou impulso por causa dos bingos, mas que pena porque aí já tinha uma massa crítica de jogadores no País para isso. E eu sempre acompanhei com muito interesse o trabalho de Jogadores Anônimos porque é um trabalho de qualidade confirmada, tocado por pessoas leigas, mas verdadeiramente sinceras e genuinamente comprometidas com o bem, que é a recuperação do jogador compulsivo.

E notei isso, quer dizer, nos anos 1990 eles tiveram um boom, aí depois tiveram um refluxo e agora, graças à questão do jogo on-line, Jogadores Anônimos, no Brasil, tem reunião on-line todos os dias da semana em pelo menos dois horários diferentes. E as salas presenciais se multiplicam Brasil afora.

Eu, por exemplo, que já trabalho com isso há quase 30 anos, ainda sou obrigado, de tempos em tempos, agora mais do que nunca, a sentar e esclarecer as pessoas. Sim, você pode ficar dependente, ou usando a expressão popular, você pode ficar viciado não apenas em substâncias, mas também em atividades e comportamentos que têm a capacidade de causar fortes emoções e, conseqüentemente, também podem formar hábitos.

Então, vamos começar, agora que as pessoas começam a se familiarizar, que é aposta, mas temos que lembrar que compra, sexo e comida, particularmente alimentação baseada em alimentos hiper palatáveis, que são alimentos que sofreram um processamento industrial específico para aumentar o apelo ao paladar humano, são todas condições em que as pessoas podem perder o controle, são condições comuns e que afetam a saúde do cidadão.

Sérgio Rondino - Doutor Hermano, eu queria agradecer demais pela gentileza de participar aqui conosco nesse Diálogo no Espaço Democrático. Abro o espaço para suas observações finais, se quiser, tiver algo mais a dizer.

Hermano Tavares - Eu acho que a gente precisa superar o que já se contou várias vezes, o nosso complexo de vira-lata, achar que essas coisas terríveis só acontecem no Brasil e nós não podemos fazer nada a respeito. Não, aquela ocasião dos anos 1990 era um movimento mundial - os caça-níqueis eletrônicos. O mundo inteiro sofreu os mesmos problemas que o Brasil sofreu. Naquela



EU ACHO QUE A GENTE PRECISA SUPERAR O QUE JÁ SE CONTOU VÁRIAS VEZES, O NOSSO COMPLEXO DE VIRA-LATA, ACHAR QUE ESSAS COISAS TERRÍVEIS SÓ ACONTECEM NO BRASIL E NÓS NÃO PODEMOS FAZER NADA A RESPEITO. NÃO, AQUELA OCASIÃO DOS ANOS 1990 ERA UM MOVIMENTO MUNDIAL - OS CAÇA-NÍQUEIS ELETRÔNICOS. O MUNDO INTEIRO SOFREU OS MESMOS PROBLEMAS QUE O BRASIL SOFREU. NAQUELA ÉPOCA A GENTE TINHA FOTOGRAFIA, POR EXEMPLO, DE MÁQUINAS CAÇA-NÍQUEIS DISPONIBILIZADAS NAS SALAS DE ESPERA DE HOSPITAIS PÚBLICOS, NA ESCANDINÁVIA. A ESCANDINÁVIA, QUE É O LUGAR IDEAL DO MUNDO, ONDE TUDO LÁ É FEITO DA MANEIRA CORRETA. ELES TAMBÉM TIVERAM PROBLEMAS. E ADIVINHA SÓ, ELES TAMBÉM TIVERAM UMA INDIGNAÇÃO POPULAR QUE FEZ COM QUE FOSSE REPENSADA ESSA DISPONIBILIZAÇÃO SEM CRÍTICA DAS APOSTAS”.

época a gente tinha fotografia, por exemplo, de máquinas caça-níqueis disponibilizadas nas salas de espera de hospitais públicos, na Escandinávia. A Escandinávia, que é o lugar ideal do mundo, onde tudo lá é feito da maneira correta. Eles também tiveram problemas. E adivinha só, eles também tiveram uma indignação popular que fez com que fosse repensada essa disponibilização sem crítica das apostas.

E agora o mundo inteiro está horrorizado com o avanço das apostas. É, de fato, preocupante. Você tem jogador de nível da seleção suspeito de envolvimento com aposta. Se a gente não tomar cuidado, o esporte profissional, que é de uma beleza plástica incrível, que inspira a todos nós, olha aí os exemplos das Olimpíadas etc... a gente vai perder o valor social e inspiracional que essa coisa tem porque vai virar telecatch, vai virar



Obra Os Trapaceiros de Caravaggio (1594)

aquela luta livre arranjada. Você já sabe, antes do campeonato começar, quem vai ser o campeão. Se a gente não fizer um policiamento adequado, o esporte que hoje, supostamente, se serve dessas empresas das apostas, vai ser desmoralizado por elas mesmas. E não vai perder só o esporte, vai perder a sociedade toda no momento em que perde a possibilidade da inspiração, a possibilidade da mensagem positiva que é a dedicação e a superação que constroem os resultados. E vamos

criar uma sociedade futura que acredita na sorte. Deus me livre. Espero que a gente acorde antes desse pesadelo.

Sérgio Rondino - Nós também, doutor Hermano. Muito obrigado mais uma vez pela sua participação. Agradeço ao Eduardo, agradeço ao Januario e ao Tulio pelas questões e agradeço especialmente a você que acompanhou mais esse Diálogo no Espaço Democrático. Até o nosso próximo programa.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Cláudio Lembo Omar Aziz Otto Alencar Rafael Greca Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Antonio Brito Carlos Massa Ratinho Junior Eduardo Braide Eduardo Paes Fuad Noman Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Rodrigo Pacheco Samuel Hanan Topazio Silveira Neto</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

diálogos no espaço democrático - Coleção 2024 - O TRANSTORNO DO JOGO
ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: [EspacoDemocraticoPSD](https://www.facebook.com/EspacoDemocraticoPSD) Twitter: [@espdemocratico](https://twitter.com/espdemocratico)
 Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)
 Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum com Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br